

A ORALIDADE COMO CAMINHO PARA UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA

Pablo Rodrigues Ferreira¹

Ismael Ferreira Lima²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados de uma experiência sobre o ensino de oralidade por meio do Rap no Centro de Educação Fundamental 11, na Ceilândia - DF, em contexto de O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A ideia de trabalhar esse tema surgiu a partir de uma oficina do PIBID sobre a lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas, no campo artístico-literário. São referências fundamentais para essa temática os autores Marcuschi (2008) e Dolz (2009). Segundo eles, os gêneros, não só os escritos, mas também os orais, são ferramentas críticas para o ensino da língua e para reflexão sobre diversos problemas sociais. A primeira etapa dessa atividade, desenvolvida no âmbito do PIBID durante o ano de 2025, focou em narrativas indígenas e escrita criativa. Os alunos leram trechos de contos do povo Awa-Guajá, com os quais refletimos sobre a importância dos povos originários e suas contribuições culturais. Na segunda etapa, trabalhamos o gênero oral Rap, levando em conta Fernandes (2014), que aponta o potencial desse gênero para o letramento de jovens periféricos. A escolha justifica-se pelo contexto da escola, situada numa região periférica, onde essa manifestação é familiar e significativa. Ao inseri-la nas aulas de Língua Portuguesa, houve maior engajamento dos estudantes, permitindo que expressassem suas vivências de forma crítica e criativa. Também analisamos letras de rap em seus contextos de usos, favorecendo o reconhecimento da estrutura e da força expressiva desse gênero. Com isso, conseguimos a valorização da cultura negra entre os alunos, ampliar repertórios socioculturais, incentivar a leitura do mundo e fortalecer o protagonismo discente. Além disso, a experiência contribui para nossa formação como professores sensíveis às realidades culturais dos alunos.

Palavras-chave: Cultura Afro-brasileira, Gêneros Oraís, Letramento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho descreve a oficina intitulada “A oralidade como caminho para uma educação crítica”. O objetivo foi trabalhar a oralidade por meio do Rap com alunos do nono ano. Essa atividade foi conduzida por dois estudantes da Universidade de Brasília - UnB, no Centro de Ensino Fundamental 11, na Ceilândia, região periférica do Distrito Federal, no ano de 2025.

Destaca-se a importância do trabalho com oralidade por meio do gênero Rap dentro da sala de aula, pois ele possibilita que os alunos expressem suas vivências, façam análise crítica do mundo ao seu redor. O Rap, por ser um gênero da periferia, por falar a linguagem dos

1 Graduando do curso de Letras Português da Universidade de Brasília - UnB, rodriguesferreirapablo0@gmail.com.

2 Graduando do curso de Letras Português da Universidade de Brasília - UnB, Ismaelferreira09942@gmail.com.

estudantes, é uma ótima ferramenta para ser levada para dentro das escolas, já que faz parte do conhecimento de mundo do estudante.

Sendo assim, o rap é uma importante ferramenta para trabalhar não só a oralidade, mas escrita, criatividade, pensamento crítico, porque leva os jovens a expressarem e trocarem vivências de forma criativa, o que eles acham de suas realidades pela fala. Esse processo de expressão precisa ser pensado de forma criativa e ao mesmo tempo crítica, também precisam olhar para o mundo que os cercam antes de oralizarem criticamente suas visões.

A ideia de trabalhar essa temática surgiu na oficina ministrada pelo professor-supervisor Jadson, que falava dos povos originários e da lei n. 11.648/2008, que torna obrigatório o ensino de história e da cultura afro-brasileira e indígena. Notou-se pela fala do professor que há uma distância entre essa lei e a sala de aula, uma vez que livros e até mesmo as escolas não abordam as culturas desses grupos historicamente marginalizados, que são ricas, um exemplo dessa riqueza é a oralidade.

Inicialmente, os estudantes realizaram uma atividade de escrita criativa a partir de um conto dos povos originários Awá-Guaja. A atividade era simples, os alunos deveriam refazer o desfecho desse conto mantendo os aspectos de origem indígena. Depois disso, tiveram uma sequência de quatro aulas, nas duas primeiras, eles ouviram e refletiram sobre a letra da música “O homem na estrada”, do grupo Racionais; nas duas últimas, tiveram que escrever os seus próprios rappers e compartilhar com a turma.

Como objetivo específico, buscou-se trabalhar a criatividade dos alunos, a escrita crítica de suas vivências, valorizando o conhecimento que o aluno traz de casa, seu conhecimento de mundo e a cultura periférica que, muitas vezes, tem sido marginalizada e apagada do corpo social.

A significância social deu-se no exercício de o aluno pensar sobre os problemas que ele enfrenta, investigando o local onde vive, sua cultura local. Tudo isso possibilitou que houvesse reflexão da realidade que o cerca e valorização desse lugar que o molda como pessoa no mundo. Ademais, possui relevância acadêmica por ser um trabalho que mostra a importância de os estudiosos da linguagem prestarem mais atenção aos gêneros desprestigiados socialmente, como o Rap.

O linguista Marcuschi frisa muito bem, numa entrevista, que todos falam e alguns escrevem. Sendo a fala uma característica das sociedades, ela é responsável por transmitir histórias e culturas de um determinado grupo. Diante disso, é preciso que não só a escrita tenha seu espaço nas aulas, mas também a oralidade.

METODOLOGIA

No que se refere à metodologia, este trabalho foi desenvolvido seguindo alguns princípios da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Nessa metodologia, o aluno é o próprio protagonista de sua aprendizagem, tem-se o estudante como pesquisador fora e dentro da sala de aula.

Assim, os alunos tiveram que, a partir de um problema ou problemas presentes na letra do “Homem na estrada”, parar para pensar sobre o local onde vivem em busca de uma

problemática para fazer o seu próprio rap e compartilhar com seus colegas em sala de aula. Puderam pensar no transporte que usam na cidade, na qualidade do hospital, UPAS, segurança, educação e até mesmo nos problemas vivenciados dentro de suas casas.

Fazer os alunos pensarem sobre os problemas sociais é uma atividade bem rica, pois com isso eles podem usar esse conhecimento para escrever textos, para pensar criticamente e buscar melhorias para sua cidade. A importância vai muito além do trabalho com a língua, é um trabalho coletivo, de trocas entre experiências diferentes, na qual todos são importantes na construção desse trabalho.

Desse modo, o aluno não fica apenas como receptor do conhecimento, ele é a figura mais importante no desenvolvimento do saber. O professor é apenas o mediador dessa experiência, uma espécie de guia do saber, mas são os alunos que vão trazer suas pesquisas, vão escrever e compartilhar com seus colegas o resultado desse processo de aprendizado.

DESENVOLVIMENTO

Na apresentação da atividade, participaram os alunos da turma de nono ano, o professor-coordenador e os pibidianos, estes responsáveis pela atividade. Ao desenvolver esse assunto, trabalhou-se com as seguintes atividades: escuta da música “O homem na estrada”, explicação sobre a estrutura do gênero Rap e discussão sobre os problemas sociais que são abordados nessa letra. Para essa atividade mais dinâmica, separou-se os alunos em grupos, cada um ficou responsável por encontrar três questões sociais presentes na música.

No entrosamento, os alunos compartilharam os problemas sociais que eles conseguiram encontrar com a turma. Essa atividade foi bem investigativa, pois os alunos já começaram a fazer uma análise de um texto sozinhos. Ao longo dessa atividade, os pibidianos foram fazendo ponderações sobre os apontamentos dos estudantes.

Depois da fala dos estudantes, os alunos de PIBID voltaram à letra para expor cada problema abordado nela. Os pibidianos não fizeram isso no intuito de serem os detentores do saber, mas para mostrar que os alunos estavam certos em seus apontamentos e que eram capazes de interpretar um texto.

Na parte investigativa, tiveram que se reunir em grupos e pensar um problema social da sua cidade, poderiam falar sobre a qualidade dos hospitais, transporte, na segurança, educação, eram livres para escolher e investigar o problema que quisessem.

Na atividade de escrita, com os alunos já conhecendo a estrutura do gênero, eles fizeram um rascunho dos seus próprios rappers, mostraram aos pibidianos e depois passaram para a produção final.

Na produção final, os discentes receberam uma folha para produzir a escrita final em sala de aula. Depois disso, fizeram a apresentação dos trabalhos finais. Nessa atividade, eles leram para as turmas, falaram da problemática que iam abordar na canção e depois colaram seus textos num mural.

REFERENCIAL TEÓRICO

A oralidade é uma ferramenta importante para o letramento crítico, pois é através dela que os estudantes conseguem expressar suas leituras de mundo. Quando pensamos em letramento, temos de pensar também nas muitas possibilidades de gêneros. O linguista Marcuschi (2008, p.25) afirma que “a oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresentam sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”; ou seja, o gênero pode ser materializado de diversas maneiras, não só em textos escritos, como muitos pensam, mas também na fala. A fala produz muitos textos que nem sempre são valorizados pela cultura letrada. Essa desvalorização vai afetar também a leitura crítica que os estudantes fazem do mundo, visto que para os mais escolarizados o que vem por meio da oralidade não deve ser valorizado no ambiente escolar.

O Rap é um gênero marginalizado socialmente, porém, como aponta Fernandes (2014), o Rap tem grande potencial para promover o letramento entre jovens de regiões periféricas, permitindo que eles articulem suas experiências de vida de forma significativa. Esse gênero é muito expressivo, uma vez que por meio dele as pessoas de periferias oralizam de modo crítico as mazelas vividas dentro da quebrada, como a falta de saneamento básico, a violência policial, a criminalidade, a fome, tudo pode virar letra de Rap. Quando os problemas sociais passam a ser retratados em letras, isso é sinal de que houve um processo de reflexão sobre o lugar onde esses indivíduos vivem.

A Lei 11.645/08 estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, e a utilização do Rap em sala de aula pode ser um caminho eficaz para abordar essas temáticas (Brasil, 2008). Mas, infelizmente, não tem havido práticas de valorização dessas culturas nas escolas, pois parece que o conhecimento produzido em lugares desprestigiados na sociedade não é visto com bons olhos. Para que esse desprezo à cultura dos guetos seja findado, a escola juntamente com os responsáveis pela educação precisam abrir espaço para essas manifestações culturais, que fazem parte do mundo dos alunos, adentrarem aos portões das escolas. O trabalho com o Rap seria uma ferramenta importante nesse trabalho de valorização, porque, como foi dito anteriormente, faz parte do conhecimento de mundo dos alunos, de suas experiências como seres sociais no mundo.

Além disso, o trabalho com o Rap pode ser associado a outras práticas de ensino, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) promove um ambiente em que o estudante assume o papel central em seu processo de aprendizado, atuando como pesquisador ativo (Barrows, 1996). Nesse sentido, o aluno é levado a olhar para o mundo em que vive, buscando enxergar de forma crítica os problemas presentes ao seu redor e transformar isso em conhecimento, no caso do Rap, em música. Esse processo de parar para observar requer que o estudante seja não mais apenas uma pessoa que aceita os desafios sociais, mas que seja protagonista dentro daquela realidade, no sentido de querer mudança, de verbalizar isso para os seus colegas em forma de letra. Portanto, o aluno é peça fundamental nesse processo de aprendizagem.

Por fim, é importante destacar que esse trabalho de reflexão social e de pensamento crítico só é possível por conta do trabalho com os gêneros orais associados a metodologias como a ABP. O professor Dolz (2004) reforça que o trabalho com diferentes gêneros,

incluindo os orais, é crucial para desenvolver a capacidade de análise crítica dos alunos e a compreensão de problemas sociais.

Além disso, quando um aluno entra em contato com uma letra de Rap que denuncia o sistema, as lutas dos menos favorecidos, a sua criticidade é despertada, o seu protagonismo é colocado em prática, uma vez que eles não vão mais querer ficar parado frente a esses dilemas. Ademais, o ensino de Rap aliado à ABP contribui para a formação desse jovem que pensa, que questiona, que é o principal responsável pela busca do conhecimento e pensamento crítico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade realizada no Centro de Ensino Fundamental 11, em Ceilândia, demonstrou resultados significativos, pois houve a participação dos alunos, principalmente, das estudantes. Pela fala dos estudantes, percebe-se que, mesmo existindo uma lei que determina o ensino das culturas Africanas e Indígenas, esses povos só são lembrados em dias comemorativos. A cultura desses povos e de seus descendentes precisam fazer parte do cotidiano dos alunos em todas as disciplinas escolares.

Outra questão levantada pelos alunos foi sobre a representatividade, já que, segundo eles, pessoas que não são negras estavam se vestindo como se fossem. Isso só reforça o estereótipo de que negros não tem lugar de fala e que são apenas submissos da vontade dos outros. Essa questão levantada pelos alunos demonstra que eles tiveram que pensar para formular essa questão.

A aula foi muito produtiva, porque os alunos participaram bastante e expressaram suas opiniões sobre a letra da música e os problemas sociais presentes ali. Além disso, fizeram um paralelo entre suas vivências, o mundo real e essa música. Cada parte da canção possibilitou o trabalho de temas como racismo, violência policial, estupro e pobreza. Nota-se, portanto, que o trabalho do Rap em sala de aula faz com que os alunos criem pensamento crítico sobre sua vida e o mundo.

Também foi possível trabalhar aspectos do gênero rap como as rimas, repetições e o uso da linguagem mais informal. Essas características só reforçam que o Rap é um gênero e que precisa de mais espaço dentro da escola, visto que tem um caráter mais crítico e pode fazer com que os alunos reflitam sobre o mundo por meio de suas estratégias de composição. Sendo assim, o professor de português não pode apenas ficar no trabalho com os textos canônicos, deve também trabalhar com autores e gêneros periféricos.

Depois de toda discussão da música, os estudantes escreveram seus próprios textos falando dos problemas sociais presentes em sua comunidade. O processo de escrita mostrou-se bem criativo e livre, uma vez que os estudantes podiam escrever a respeito do que quisessem sem julgamento de suas escritas e da gramática. Os temas escritos tratavam do racismo, desigualdade, homofobia, etc.

Foi notado que com essa atividade os alunos expandiram seus conhecimentos de mundo, conheceram outros gêneros e a cultura negra ganhou espaço ainda maior na vida desses estudantes. O conhecimento adquirido pode ser usado para interpretar o mundo, para escrever sobre o mundo de forma crítica e até servir de repertório em textos como do Enem. Ademais, contribuiu na formação dos pibidianos que serão futuros professores e enfrentarão o

desconhecimento pelos estudantes das culturas africanas e indígenas, reforçando a importância desse conhecimento em suas bagagens quando forem atuar em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica com o gênero Rap como ferramenta de ensino da oralidade mostrou-se potente e transformadora. Ao integrar elementos da cultura periférica ao currículo escolar, foi possível promover uma educação crítica, inclusiva e significativa.

Os resultados obtidos vão além do domínio da linguagem: revelam a capacidade dos alunos de refletirem sobre suas realidades, expressarem suas vivências e se posicionarem diante dos desafios sociais. O engajamento observado nas aulas e a qualidade dos textos produzidos indicam que práticas educativas que reconhecem a diversidade cultural dos estudantes são fundamentais para a construção de uma escola democrática.

A atividade reafirma a importância de metodologias que colocam o aluno como protagonista, valorizam seu repertório sociocultural e promovem o letramento por meio de gêneros populares. O Rap, nesse contexto, deixou de ser apenas uma manifestação artística para se tornar um instrumento de cidadania, escuta e transformação.

REFERENCIAL TEÓRICO

BARROWS, Howard S. Problem-based learning in medicine and beyond: a brief overview. In: WILKERSON, LuAnn; GIJSELAERS, Wim H. (Org.). Bringing problem-based learning to higher education: theory and practice. San Francisco: Jossey-Bass, 1996.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: dd mm aaaa.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard (orgs.). Gêneros orais e escritos na escola. Tradução de Roxane H. R. Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FERNANDES, Ana Cláudia Florindo. O rap e o letramento: a construção da identidade e a constituição das subjetividades dos jovens na periferia de São Paulo. 2014. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-08122014-145049/pt-br.php>. Acesso em: 4 nov. 2025.

Marcuschi (2008), no livro Produção textual, análise de gêneros e compreensão, um dos textos mais citados sobre oralidade e gêneros.

